

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E DESENVOLVIMENTO RURAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS**

**NATHALLE ZEBENDE**

**DE GUARDIÃ PARA GUARDIÃ: ENSINAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE  
MULHERES GUARDIÃS DE SEMENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Maio de 2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS**

**NATHALLE ZEBENDE**

**DE GUARDIÃ PARA GUARDIÃ: ENSINAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE  
MULHERES GUARDIÃS DE SEMENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**MODALIDADE DE TCC: ARTIGO CIENTÍFICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Agroecossistemas, do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Nahas  
Guimarães

Florianópolis, SC, Maio de 2021

**NATHALLE ZEBENDE**

**DE GUARDIÃ PARA GUARDIÃ: ENSINAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES GUARDIÃS DE SEMENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**MODALIDADE DE TRABALHO: ARTIGO CIENTÍFICO**

Este Trabalho de Conclusão do Curso foi aprovada em sua forma final pela orientadora e pelos membros da banca examinadora e julgada adequada para obtenção do título de “Especialista” pelo Curso de Especialização em Agroecossistemas da UFSC

Florianópolis, 21 de maio de 2021.

---

Profa. Dra. Marlene Grade  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Valeska Nahas Guimarães  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Profa. Dra. Valdete Boni  
Universidade Federal da Fronteira Sul –UFFS  
Campus Chapecó-SC

---

Profa. Dra. Sandra Luciana Dalmagro  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

# DE GUARDIÃ PARA GUARDIÃ: ENSINAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES GUARDIÃS DE SEMENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Nathalle Zebende

## RESUMO

As mulheres guardiãs de sementes têm causado grande impacto em diferentes partes do mundo, levando de volta a vida e a esperança de vários povos na sobrevivência biológica e cultural. O Rio de Janeiro é um estado que sofre com a urbanização intensa e tenta apagar a agricultura familiar que resiste e é responsável por boa parte da alimentação da população fluminense. O objetivo desse estudo é relatar as experiências de três mulheres guardiãs de sementes no estado do Rio de Janeiro, contemplando relatos e/ou narrativas, histórias de vida destas mulheres, e o processo de guarda de sementes com objetivo futuro de produzir materiais audiovisuais e cartilhas pedagógicas, mostrando formas de produzir e manter sementes crioulas e florestais. Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas presenciais e uma *online* com guardiãs de sementes do estado do Rio de Janeiro em diferentes municípios no período de janeiro a março de 2021. Com isso foi possível verificar que existem variados contextos em relação aos modos de vida, estruturas familiares, relações econômicas e de trabalho com a produção e a propriedade. Essa variedade também se estende às técnicas de plantio, as variedades e modos de armazenamento das sementes. Fica evidente a necessidade de continuidade desse trabalho e de iniciativas que promovam e incentivem a conexão em rede das pessoas guardiãs de sementes no estado, visando a popularização do acesso às sementes crioulas e florestais.

**Palavras-chave:** Guardiãs de sementes. Agricultura familiar. Sementes crioulas. Sementes florestais. Rio de Janeiro.

## 1 INTRODUÇÃO

A revolução verde implementada na década de 1970 em diversos territórios, incluindo o Brasil, trouxe pacotes de “desenvolvimento” para a agricultura: mecanização do trabalho, monocultura, cultivo de sementes híbridas e transgênicas, aliadas a quantidades cada vez maiores de insumos químicos e agrotóxicos, causando a ruína econômica e cultural de inúmeras famílias de pequenas propriedades e o êxodo rural. As consequências desse processo vão desde a perda acelerada da biodiversidade, à erosão genética de sementes e perda de conhecimentos e costumes tradicionais, como a seleção de plantas e sementes, medicina tradicional, etc (BEVILAQUA, *et al.*, 2014).

Não obstante, a agricultura tradicional dos povos da América Latina vem resistindo desde a invasão pelos povos europeus, que trouxeram consigo espécies de fauna e flora exóticas, técnicas de plantio totalmente deslocadas dos costumes e culturas dos povos dessas terras, com o agravante da utilização de trabalho escravo. Com os colonizadores vieram a monocultura, o patriarcalismo, o machismo, o etnogenocídio e o latifúndio. Problemas que até hoje assolam a realidade dos povos que ainda sobrevivem depois de séculos de violência: indígenas, quilombolas, camponeses, sobretudo mulheres, as mais vulneráveis e violentadas dentro de todos os grupos (WARREN, 2008). Diante desse contexto, os movimentos indígena e quilombola se mantêm em luta pela demarcação de suas terras, saúde e a preservação de seus sistemas sociais, saberes e cosmovisões. Aliados às lutas pela terra, o surgimento de movimentos sociais como a Via Campesina, o

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reivindicam a Reforma Agrária, a soberania e segurança alimentar, por um modo de vida mais justo no campo, com a produção de alimentos saudáveis, maior igualdade de gênero e uma produção voltada às demandas locais, em contraponto com a estratégia neoliberalista de um comércio mundial para acabar com a fome do mundo (ALTIERI, 2010).

A agroecologia surge nesse cenário como uma ciência, com diversas práticas e aliada com movimentos sociais e políticos de luta, com enfoque holístico que junta os campos da ecologia, ciências agrárias e sociais visando a construção de agroecossistemas (ecossistemas modificados pela prática da agricultura) mais eficientes energeticamente, com diversificação da produção, sucessão natural, a eliminação de agrotóxicos e insumos químicos, o resgate da autonomia dos povos tradicionais e camponeses, relações sociais e econômicas mais justas, igualdade de gênero.

Segundo Machado, Machado Filho (2014, p.21), “a agroecologia é uma ciência dialética. Como tal, não tem dogmas nem receitas, porém tem princípios. É o caminho mais racional para a produção de alimentos limpos”.

Caporal afirma que a agroecologia não é um tipo de agricultura, pois ela engloba diversas técnicas de acordo com cada território, ambiente e saberes tradicionais de cada comunidade. Tampouco é um movimento social, e sim, “o elemento galvanizador” de movimentos agroecológicos. É o que lhes dá identidade e unidade” (CAPORAL, 2016).

A agroecologia reúne os conhecimentos científicos dos ecossistemas naturais e resgata os saberes e tradições dos povos originários no cuidado com a terra, além de trazer a importância da mística e da espiritualidade na agricultura, apagada e esquecida pela “ciência racional” de base epistemológica positivista. Assim sendo, antigos modos de vida, que vêm resistindo, são visibilizados e aliados às técnicas e saberes científicos atuais, aproveitando a dinâmica da vida para fortalecer ainda mais os movimentos de povos tradicionais e camponeses. Os plantios em consórcio, técnicas agroflorestais, adubação verde e cobertura de solos são estratégias que trazem de volta à diversidade da vida, seja nos solos, nas águas, biosfera, em micro e macro escalas (KAUFMANN, 2014).

A semente é símbolo de resistência e está sob constantes ataques pelo agronegócio, a propriedade privada, a transgenia e o desmatamento, que têm promovido uma taxa de extinção 500 vezes maior do que acontece por processos naturais (NATURE, 2019), e está sendo arduamente defendida por pessoas fortes e corajosas, muitas delas mulheres, que assim como as sementes, são potência de vida e entendem muito bem que sem elas não existe futuro. <sup>1</sup>As mulheres guardiãs de sementes têm causado grande impacto em diferentes partes do mundo, levando de volta a vida e a esperança de vários povos na sobrevivência biológica e cultural. Semeando, cuidando e trocando sementes, compartilham ideias e esperança, sendo também resistência contra violência do capitalismo, do agronegócio, do patriarcado e do racismo.

Falar de mulheres que plantam é falar de uma força poderosa e mística, um laço que se constitui desde muito antes do mundo ser como é hoje. Falar sobre sementes é falar sobre uma potência de vida capaz de gerar a si mesma, multiplicar-se, adaptar-se, modificar-se, evoluir. A força feminina é uma força que resiste, se reinventa, que cria, alimenta: é a mesma força da semente. Há mulheres que criaram consciência sobre a força de sua existência, se organizaram, e que se aliaram às sementes para fortalecer a si, as outras, e a terra. Outras

---

<sup>1</sup> Sobre a questão do poder e o controle sobre a comercialização das sementes, uma obra que se tornou referência foi “O escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos” (Nobel, 1987) da autoria de Pat Roy Mooney, um pesquisador canadense que há mais de quatro décadas atua na área de biotecnologia e biodiversidade. Originalmente publicada em 1979 somente oito anos depois foi lançada no Brasil.

mulheres, mesmo que não estejam em plena consciência do que são capazes de fazer, encontraram, da mesma forma nas sementes, a força que precisam para se manter em pé e seguir em frente, superando as adversidades da vida.

De diferentes maneiras, encontrar-se nas sementes é uma chance maravilhosa, que tem sido cada vez mais rara nos dias de hoje, especialmente no estado do Rio de Janeiro que, por conta da sua urbanização tão intensa, é erroneamente conhecido por não mais abrigar agricultura. No entanto, mesmo que não tão facilmente, ainda encontramos experiências de mulheres sábias e lutadoras que estão fazendo sua parte e provando que a agricultura aqui resiste junto com a gente.

Assim, este estudo tem como objetivo relatar as experiências de três mulheres guardiãs de sementes no estado do Rio de Janeiro, contemplando relatos e/ou narrativas, histórias de vida destas mulheres, e o processo de guarda de sementes.

Este estudo justifica-se pela necessidade de maior reconhecimento do papel da mulher na agricultura e na manutenção e preservação de sementes crioulas<sup>2</sup> e florestais, pois, apesar de se tratar de um papel historicamente ligado à mulher, ele tem sido desvalorizado (GOFI, 2017). Há também a necessidade de fortalecimento das experiências de multiplicação das sementes crioulas no Rio de Janeiro. Para além da justificativa e relevância social, há uma questão de ordem acadêmica, considerando que as publicações sobre esse tema são ainda em número reduzido<sup>3</sup>, especialmente no estado.

Em um projeto inicial prevíamos contemplar de forma mais prática, focado em mutirões, os encontros comunitários e formação de guardiãs de sementes em alguns territórios no estado. Contudo, por conta da pandemia de Covid-19 e pela falta de recursos, foi necessário reformular e adequar à realidade, os objetivos, a metodologia e, conseqüentemente, a pesquisa em si. A ideia então foi elaborar um material audiovisual pedagógico para estimular as experiências de multiplicação de sementes, destinado especialmente às mulheres, envolvendo entrevistas presenciais com as mulheres que já tem uma relação com as sementes crioulas e florestais, o que também se mostrou inviável, devido ao agravamento da situação da pandemia, quando as entrevistas estavam começando a ser realizadas. Houve tentativa de entrevistas *online*, mas grande parte das mulheres estão situadas em comunidades com pouco acesso à internet ou já possuem idade avançada e possuem dificuldade de lidar com a tecnologia.

Mesmo com a pandemia, foi possível realizar duas entrevistas presenciais (mantendo todos os cuidados e os protocolos sanitários) e uma entrevista *online* pela plataforma *Zoom*, com mulheres de diferentes contextos, em diferentes municípios do interior do estado do Rio de Janeiro, entre janeiro e março de 2021. Os contatos aconteceram por meio de redes virtuais de agroecologia do estado. O contato com as guardiãs foi feito inicialmente por *whatsapp*, mediante indicações em grupos de agroecologia e agricultura do estado, como a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e o Trinchira Agro, grupo de agricultores e extensionistas da região do Vale do Aço e Vale do Paraíba.

Em relação à metodologia, mantivemos, desde o antigo projeto, a perspectiva de realizar uma pesquisa qualitativa pois esta possibilita um caráter exploratório das subjetividades,

---

<sup>2</sup> A Legislação Brasileira por intermédio da Lei Nacional de Sementes (Lei 10.771 de 5 de agosto de 2003), no Art. 2º, inciso XVI, considera variedades locais como sinônimo de variedades tradicional, Variedades Crioulas. Variedades locais, crioulas e ou tradicionais são aquelas desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com caracteres fenotípicos bem determinados e reconhecidos pelas respectivas comunidades e que segundo o MAPA não se caracterizam como substancialmente semelhantes aos cultivares comerciais (BRASIL, 2003).

<sup>3</sup> Em uma pesquisa exploratória, realizada pela autora desse trabalho, em fontes secundárias, foram encontrados poucos artigos e trabalhos acadêmicos versando sobre o tema. Alguns destes trabalhos são a tese de Burg (UFSC, 2017), as dissertações de Gofi (UFSC, 2017), Cassol (UFSM, 2013), os trabalhos de Canci *et al.* (2004, 2010), Bevilaqua, *et al.* (2014).

histórias e realidades objetivas das pessoas. Trabalhando com as significações, aspirações, crenças, valores e atitudes, a pesquisa qualitativa favorece às pessoas que participam, expressarem suas interpretações dos fatos, percepções, sentimentos e representações, e valoriza o conteúdo apresentado por elas, contribuindo dessa forma para uma compreensão adequada de certos fenômenos sociais (MINAYO, 2000). Acrescenta-se ainda, uma abordagem participativa, por meio da qual a pesquisadora teve a possibilidade de dialogar e trocar ideias com as entrevistadas, sujeitos da pesquisa, desta forma optando também por observações participantes durante as entrevistas.

As entrevistas seguiram um roteiro aberto e semiestruturado (Apêndice A). Este roteiro teve que ser adaptado e houve variações nas perguntas, conforme os contextos se diferenciavam. Pois, conforme destaca Triviños (1987), a entrevista semiestruturada parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que geram novos questionamentos à medida que a pessoa, sujeito da pesquisa, oferece mais informações. Em relação à identidade das entrevistadas, optei por manter seus nomes reais, pois a intenção não é emitir qualquer juízo de valor sobre as suas ações, mas trazer visibilidade aos seus feitos e realizações.

## **2 SEMENTES E GUARDIÕES NO RIO DE JANEIRO**

O Rio de Janeiro é um estado com muitas vocações econômicas, como a indústria do petróleo e siderúrgica, turismo e a agricultura. Segundo o censo agropecuário 2020 do IBGE<sup>4</sup>, a maior parte da produção agrícola vem das lavouras e da pastagem de bovinos, a maioria em pequenas propriedades. O cultivo de hortaliças e frutas na região serrana alimentam boa parte da população do estado.

No entanto, o discurso vigente é o de que não existe mais agricultura no estado, na tentativa de apagamento da raiz rural e dificultando a construção de políticas públicas para a agricultura, sobretudo para a agroecologia. Nesse processo de invisibilização das agricultoras e agricultores, o trabalho das mulheres no campo encontra-se ainda mais desvalorizado, pois soma-se aos apagamentos e às dificuldades que as mulheres já enfrentam cotidianamente, em que seu trabalho é considerado meramente como uma “ajuda”, o que faz com que suas múltiplas jornadas não sejam remuneradas.

É inevitável comentar que essa invisibilização é um grave reflexo do patriarcado europeu trazido com a colonização das Américas, que esconde a importância das mulheres desde a pré-história. Na obra “Sexo invisível” os autores Atanásio *et al.* (2009) afirmam que novos estudos vêm mostrando o que a antropologia e a arqueologia tradicionais apagaram que as mulheres pré-históricas construía ferramentas e iam caçar, tanto quanto os homens também costumavam fazer trabalhos manuais mais sutis, como a costura de peles e redes, e que a nossa sobrevivência como espécie só aconteceu pela cooperação entre os dois. Além disso, há fortes evidências de que foi a mulher a responsável pela criação da agricultura (ATANÁSIO, *ET AL.*, 2009). Para se ter noção do quanto as mulheres foram apagadas na história, é só tentar visualizar quem foi responsável pelas pinturas nas cavernas. Provavelmente quase ninguém imagina espontaneamente que a autoria das artes rupestres pode ter sido de uma mulher ou uma criança.

A revolução verde, junto com seus pacotes tecnológicos inventados por homens, para homens, excluiu a figura da mulher do campo. Transferindo para eles controle total sobre a administração da propriedade, trouxe uma relação desumana com a terra e ainda mais empurrou a mulher para a periferia de sua própria vida. O Movimento das Mulheres Camponesas- MCC é fruto da organização das camponesas em luta pelos seus direitos, ajudou a transformar as condições dessas pessoas e também foi se transformando conforme a

---

<sup>4</sup> Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/24/76693>> Acessado em 20 de abril de 2021.

evolução das demandas. Iridiane Seibert, em seu estudo denominado “Feminismo Camponês e Popular: Contribuição das Mulheres Camponesas à Luta de Transformação Social”, documenta a evolução do Movimento das Mulheres Camponesas- MMC e da luta feminista campesina no Brasil. Segundo Seibert (2019):

A luta de classe das camponesas se expressa a partir da construção de um projeto de agricultura camponesa, valorizando saberes e identidades, produção agroecológica, resgate e multiplicação de sementes crioulas, práticas de saúde integrativas em base a alimentação saudável, uso de ervas e plantas medicinais entre tantas outras. As quais, podem parecer práticas isoladas, restritas ao espaço do campo, contudo, estas ações fazem parte de uma proposta política que questiona e contrapõe o projeto de agricultura do agronegócio, das sementes transgênicas, dos agrotóxicos, da agricultura mercantilizada, dirigidas pelos organismos internacionais de construção de políticas para a agricultura, as quais o Estado e as classes dominantes nacionais e locais são subservientes, garantindo os interesses do mercado internacional.  
(SEIBERT, 2019. p145).

Nas regiões nordeste e sul já presenciamos, há algum tempo, a organização das mulheres camponesas e de comunidades tradicionais em relação à proteção das sementes crioulas, como o Coletivo Triunfo<sup>5</sup>, no Paraná, e as Sementes da Paixão<sup>6</sup>, na Paraíba. Ambos projetos bem sucedidos, promovem parcerias, pesquisas, feiras, bancos comunitários e outras iniciativas empoderadoras das pessoas do campo.

No entanto, ao realizar uma busca na internet sobre sementes crioulas ou guardiões de sementes no Rio de Janeiro, nos deparamos com uma forte escassez de conteúdo, são raros os estudos disponibilizados. Um deles é o “diagnóstico sobre produção de sementes para cultivos orgânicos” (CORDEIRO, 2014), que mapeou os lugares de produção orgânica no estado e apontou que 43% das sementes utilizadas para produção de hortaliças provém do comércio, dessas, quase metade utiliza sementes de origem internacional ou não sabe a procedência, e apresentam queixas sobre a reprodução e adaptação ao nosso edafo-clima. Boa parte do cultivo de hortaliças é realizado utilizando sementes convencionais, devido a indisponibilidade de sementes orgânicas ou crioulas no mercado, em quantidade e qualidade suficientes para atender a demanda das principais variedades e cultivares (CORDEIRO, 2014).

A UENF publicou “Catálogo da Diversidade de Feijão-comum do estado do Rio de Janeiro”, um excelente trabalho que mapeou e valorizou guardiãs e guardiões dessa variedade no território (CAVALCANTI *et al*, 2020). A PESAGRO-RIO, em parceria com a UFRRJ, criou o Centro Estadual de Pesquisa em Agricultura Orgânica (CEPAO), com campo experimental em Paty do Alferes, para estudo e produção de sementes orgânicas de hortaliças e de adubação verde, que ajudou na disseminação de boas sementes na região. Contudo a unidade encontra-se fechada há pelo menos um ano e meio.

No entanto sabemos que povos tradicionais e organizações como o MST, o MPA e a AARJ têm atuado em prol das sementes e das agricultoras no estado, organizando bancos de sementes comunitários e/ou incentivando a transição agroecológica e a economia solidária.

---

<sup>5</sup> <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6543>

<sup>6</sup> <https://aspta.org.br/2017/03/20/sementes-da-paixao-catalogo-das-sementes-crioulas-da-borborema/>



Camponês que não guarda semente não tem autonomia do seu plantio. Então passamos a armazenar 10% da produção em um banco de sementes comunitário com o objetivo de reproduzir. Essas sementes nós temos como patrimônio da humanidade (MST, 2020).

Essa citação é retirada da fala de Silvano Leite, assentado da Reforma Agrária no município de Macaé, em uma reportagem no site do MST<sup>7</sup>, intitulada “Autonomia e diversidade na produção de alimentos saudáveis”. Mesmo que não se encontre muitos estudos acadêmicos, ainda assim, encontram-se evidências do árduo trabalho dos indivíduos e organizações pela promoção de uma vida mais saudável para a pessoa do campo e a população.

### 3 GUARDIÃS FLUMINENSES DE SEMENTES, NÓS EXISTIMOS

#### 3.1 A GUARDIÃ SUELI

A primeira entrevista foi na casa de três gerações de mulheres negras que cuidam sozinhas de um filho especial e de um quintal com galinhas, hortas, roças e árvores frutíferas. A avó e a mãe, D. Marli e Sueli têm entre 55 e 75 anos e são guardiãs de sementes. A entrevista foi direcionada à Sueli, contudo sua mãe também protagonizou a entrevista e foi de grande importância, então considere as duas. Elas residem em Seropédica, em uma pequena propriedade herança do falecido marido de Marli, que fora concedida pelo INCRA, onde ele trabalhava. Ambas são aposentadas, não geram renda com a agricultura, mas parte de sua alimentação e, sobretudo, de qualidade de vida vem do seu quintal, onde Sueli planta e colhe um pouco de muitas coisas e cria mais de quatro espécies de galinhas. D. Marli não tem mais força física para trabalhar na roça, mas ajuda no conhecimento, organização e manutenção das sementes que elas guardam e cultivam: *“a gente não perde a vontade, né. A gente perde a força, porque a vontade é muita. Ai, que vontade eu tenho de capinar”*. Diferente de Iná, filha da Sueli, de 26 anos: *“de vez em quando até ajudo elas na terra, mas não gosto muito, o que eu gosto mesmo é das panelas.”*

Elas mantêm mais de dez tipos de sementes de horta, frutíferas, de roça e, entre elas uma variedade de feijão que ganharam há mais de trinta anos e contam orgulhosamente que nem a pessoa que deu o feijão para elas se lembrava mais de sua existência. Fora a assessoria da EMATER e do Seu Sebastião, um vizinho que vai lá quando ela precisa de serviços de trator, arado, dentre outros. Sueli faz todo o serviço por conta própria, e mostra seu quintal com muita alegria. Em um pequeno espaço ela cultivava feijão, quiabo, alho, milho cateto, maracujá roxo e maracujá doce, goiaba, abiu, limão siciliano gigante, limão galego, araçá, carambola e uma variedade de laranja em que na casca é "laranja da terra" e a polpa é "laranja lima", que ela plantou de semente há muitos anos atrás.

Sueli aponta que por ser mulher e pela idade é difícil trabalhar sozinha na terra, sendo a falta de mão-de-obra, pela falta de interesse das novas gerações pelo trabalho com a terra, o maior desafio que enfrenta na lida. Diferentemente do passado que D. Marli relembra, quando o bairro era bem povoado, com muitas pessoas e produção de laticínios, embutidos, hortaliças, ovos e aves, por existir uma cooperativa granjeira ali, mas com o fim da cooperativa, as pessoas pararam de produzir, arrumaram outros empregos e, hoje em dia, na redondeza "só tem mato". Hoje em dia, a maioria do que consomem vem do mercado, mas até há alguns anos atrás, quando o marido de Marli era vivo, elas produziam tudo no quintal e sem veneno.

---

<sup>7</sup>Fonte: <<https://mst.org.br/2020/10/27/autonomia-e-diversidade-na-producao-de-alimentos-saudaveis>> Acessado em 5 de maio de 2021.

D. Marli nasceu em um sítio em Mendes, um pequeno município histórico no centro-sul do estado, que teve sua ascensão no período da escravidão com a produção de café e hoje vive principalmente da pecuária de bovina e do turismo, foi criada pela avó que tinha um restaurante, o dono do sítio era um alemão mandante de navio que viajava por todo o país e trazia sementes de árvores de todos os lugares. D. Marli relembra nostalgicamente, de uma fruta que comia em sua infância, com formato de dedinhos que era muito doce, mas que ela nunca mais viu. Ela se mudou para Seropédica quando casou-se, pois era onde trabalhava seu falecido marido, e nunca mais saiu de lá, trabalhou como enfermeira até se aposentar e costumava plantar com o seu marido. Sueli nasceu no mesmo lugar, mas construiu sua história fora dali, casou-se, teve uma filha e um filho com necessidades especiais, passou por muitas dificuldades com o marido, na qual conta que era violentada com frequência. Sueli conta que o hábito de plantar hortas e flores ela tinha desde que viva em apartamento, e sempre guardava sementes das coisas que cultivava, hoje em dia, de volta à casa da mãe, livre do marido abusivo e com seus filhos, Sueli pode desfrutar da natureza que foi cultivada no seu quintal, legado de seu pai e sua mãe.

Sueli nunca participou nem tem conhecimento de grupos de trocas de sementes, principalmente de mulheres. Elas trocam sementes com alguns vizinhos senhores mais velhos e com uma mulher, que é a referência dela como a única outra mulher interessada na agricultura e nas sementes, pois quando perguntei se elas acreditavam que se formássemos um grupo de mulheres para trocar sementes e praticar o apoio mútuo, se isso ajudaria com o trabalho que ela tem, ela me responde certa: "*Sim, ajudaria muito, mas não tem. Vamos então chamar uma reunião com mulheres, sabe quantas vem? UMA! A vizinha aqui que é agrônoma e gosta de fazer mudinhas (...) a gente sempre troca umas flores, umas sementes*".

É importante frisar que elas vivem muito próximo à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e à EMBRAPA, duas importantes instituições de pesquisa em agricultura no Brasil, a última inclusive tem um projeto de bancos de sementes *on farm* (no próprio agroecossistema) em comunidades rurais aqui no estado.

Pessoas como a Sueli tendem a ser invisibilizadas na ciência, na economia e em tantos outros setores da nossa sociedade, é resultado da falta de acesso a informações, redes de apoio, direitos e serviços. Contudo, a r-existência<sup>8</sup> desses indivíduos, mulheres, negras, pobres, periféricas e rurais, nos mostra a força da vida por si própria e do ser-mulher, que cuida de si, das outras pessoas e da terra. Sueli e D. Marli tem muito a ensinar, experiências de vida, saberes que vêm sendo construídos de geração em geração, que podem e devem ser valorizadas por essas instituições. Na academia, por meio de projetos de extensão que não sejam apenas um braço invadindo aquele território, mas principalmente, trazendo essas pessoas para junto dela, pessoas que constroem saberes e têm muito a ensinar e aprender com as novas gerações. Sueli pode não ter consciência dos termos usados, como quintal agroecológico, policultivos, adubação verde, etc. porém sempre praticou uma agricultura sustentável, porque essa é a nossa verdadeira raiz.

Boaventura de Sousa Santos, cientista social português que muito aprendeu em sua morada na favela do jacarezinho, afirma que a ciência dominante, atrelada ao capitalismo e ao colonialismo, vem matando todos os outros saberes que não cabem nela, causando um "epistemicídio global", uma expressão chocante e verdadeira (SANTOS, 2010, p. 8). A "ecologia de saberes" é uma outra expressão criada por ele para definir uma estratégia que compõe toda a diversidade de saberes tradicionais, originários, periféricos em contraposição e resistência a essa violência da hegemonia científica. A agroecologia se propõe a trabalhar na

---

<sup>8</sup> Conceito empregado pelo geógrafo Porto-Gonçalves (2012) para ilustrar a luta por território de povos tradicionais e originários da América, que além de ser uma resistência ao neoimperialismo é ao mesmo tempo uma forma de voltar reafirmar sua existência enquanto povo.

valorização do diálogo entre os saberes formais e informais, valorizando a cultura popular e aproximando conhecimentos que não cabem na fôrma da ciência acadêmica. O trabalho cooperativo entre o “popular” e o “institucional”, apesar de complexo, é extremamente necessário para que possamos construir um outro futuro, valorizando nossas pessoas, nossas culturas, nossas formas de sentir-pensar.

### **3.2 A GUARDIÃ ROSANA**

A segunda participante deste estudo está quase que em um contexto oposto ao da D. Marli e Sueli. Rosana tem 45 anos, é branca, nascida e criada no campo, em Bonsucesso, distrito rural do município de Teresópolis, região serrana do estado. Ela vive em um sítio com seu marido, seus pais e o Pedro, seu filho de 7 anos. Além de mãe e produtora de hortaliças, Rosana é presidenta da Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais da Microbacia Hidrográfica de Lúcius e Comunidades Vizinhas (APROLUC), mantém um negócio de turismo rural em sua propriedade com o marido, é guardiã e multiplicadora de sementes crioulas MPA, que distribui para outras agricultoras e agricultores do estado.

Em dois hectares, Rosana produz mais de quarenta variedades de alimentos e produtos, seu foco é nas hortaliças, como a rúcula, da qual ela produz parte das sementes, o próprio substrato e as próprias mudas. Rosana é uma verdadeira cientista da terra, observando o ambiente ao redor, ela consegue desenvolver ótimos substratos, adubos e defensivos que utiliza nas suas culturas que nunca levaram agrotóxicos.

Parte da renda de sua propriedade vem das sementes de feijão que ela produz e comercializa. Em seu banco de sementes muito bem organizado, Rosana possui muitas variedades de hortaliças, adubação verde, milho e feijões. Duas variedades, o preto e o vermelho, estão na família há mais de sessenta anos, herança de seu avô. Ela também mantém variedades que se não fosse por Rosana, teriam se perdido para sempre na região. Pois, ela ganhou de um vizinho, que as mantinha por muitos anos e que depois de sua morte, sua família, por desinteresse deixou todas se perderem.

Apesar de sua dedicação ao sítio ter começado somente em 2011, ela traz consigo a herança campesina de suas ancestrais, mais proximamente de sua mãe, que trabalhou toda a vida na terra e a ensinou algo que ela considera exclusivo na região, o protagonismo feminino na propriedade. Mesmo que na localidade exista muitas mulheres produtoras, segundo ela, são sempre os maridos responsáveis pelas vendas, invisibilizando o trabalho de suas companheiras.

Rosana, como co-fundadora e presidenta da APROLUC tem feito muitos esforços para a inclusão e valorização das mulheres na Associação. No espaço comunitário foi construída uma cozinha industrial, onde elas fazem pães e beneficiam os alimentos que produzem, além de terem oficinas de artesanato, iniciativas que colocam elas em contato umas com as outras e ainda geram sua própria renda. Rosana conta que a participação das mulheres na associação ainda é inferior à dos homens, pois elas vivem em um contexto muito conservador, mas que esse panorama tem melhorado ao longo do tempo e que ela sempre se esforça para encorajar maior participação e engajamento das mulheres.

Contudo, o futuro daquela comunidade é preocupante para a associação, inclusive para a Rosana, que é a pessoa mais jovem de lá e não vê nem seus filhos nem os de suas vizinhas se interessarem pela terra. Situação fortemente atribuída ao surgimento de inúmeros atravessadores na região, o que desvalorizou o trabalho das produtoras e produtores, pois, eles compram os alimentos produzidos no campo em grandes quantidades a preços absurdamente baixos e fazem a logística para venda nos mercados e nas Centrais de Abastecimento (CEASA) em todo o estado, especialmente na capital, e ficam com a maior parte dos lucros. Muitos dos filhos dos próprios produtores, se não vão para a cidade, se tornam atravessadores.

O aspecto econômico tem sido a maior causa do êxodo rural dos jovens, não somente pelo dinheiro, mas pela falta de autonomia, pela dependência tardia da família, pela falta de confiança do pai, muitas vezes, pelo modelo de família patriarcal. Porém, a saída da juventude do campo também tem sido cada vez menos uma escolha permanente, pois as condições na cidade têm sido cada vez piores em termos econômicos e de qualidade de vida, aumento da violência, exigências cada vez maiores no trabalho, desemprego, etc. Muitos jovens acabam por migrar para a cidade a fim de estudar, se profissionalizar, e então retornam com mais ferramentas e conhecimentos para fazer melhorias nas unidades produtivas e trazem consigo também uma renovação dos valores do campo (MARTINS, 2021; OLIVEIRA, *ET AL.*, 2021).

No mesmo espectro, Rosicleide Gofi conclui em seu estudo que a permanência da juventude no campo está ligada

à facilidade de acesso às tecnologias, celular, notebook, internet; as facilidades para se deslocar para estudar; as oportunidades de estudar um curso técnico em escola pública; o deslocamento para as festividades/bailes/festas; a tranquilidade de viver no campo; a ajuda entre os vizinhos nas atividades rotineiras; a alimentação mais saudável, plantar, cuidar, saber o que se põe à mesa, etc (GOFI, 2017, p.114).

A agroecologia, em suas múltiplas dimensões, tem buscado soluções que ajudem as agricultoras e agricultores a libertarem dessa cadeia produtiva e mercadológica tão injusta, e fortalecer uma economia mais justa e solidária. Trazendo uma série de estratégias de mercado, como as feiras orgânicas, ecológicas e da agricultura familiar, circuitos curtos, cestas agroecológicas, admitindo produtoras e produtores em estágios de transição da agricultura convencional à orgânica e/ou ecológica.

Rosana faz feira em Teresópolis, mobiliza e organiza produtoras e produtores locais para feitiço e entrega de cestas agroecológicas junto com o MPA em periferias da capital, uma parceria que surgiu no início da pandemia e tem fortalecido não somente a produção local e as periferias, mas também assentamento do MST e taxistas que ficaram sem renda neste período e foram contratados pelo movimento para fazer a logística de entrega dos produtos:

Foi no início da pandemia, pegaram nosso contato na feira aqui de Teresópolis. Eles começaram a comprar hortaliças com produtores daqui, mas com grande dificuldade porque os produtores não conseguiam se organizar para isso. Então ele entrou em contato comigo e eu comecei a organizar os produtores, também arrumei novos produtores orgânicos, e organizei até a nota fiscal pra todos eles agora. Hoje nós temos vários projetos juntos, inclusive intercâmbio de experiência com produtores da Bahia, que se hospedam aqui, e agora também nas sementes.

A troca de sementes também faz parte de todo esse processo. Rosana troca sementes regularmente com os vizinhos, como o Tiãozinho, produtor de espinafre, que troca para manter a variabilidade genética da sua produção. Quanto às mulheres, Rosana cita duas companheiras com quem realiza trocas:

...a Valda e a Lúcia, que passou a se interessar depois que conheceu a gente. A Valda também não guardava, mas percebeu que gasta muito dinheiro ficar comprando sementes. Então ela passou a guardar principalmente sementes de espinafre, que ela gosta de produzir.

Para Rosana, *“a mulher se interessa mais pelos detalhes do que o homem, o homem tá interessado em plantar e colher e é isso, e a mulher é mais detalhista.”* No entanto, ao falar

sobre as mulheres que fazem trocas com ela, Rosana evidencia que a escolha da atividade de manter as próprias sementes pode ir além da estética ou da “sensibilidade feminina”, mas pode ter outras preferências, por exemplo, pelo viés econômico.

Os insumos e as sementes são materiais indispensáveis à transição agroecológica, pois é justamente a falta destes que levam à dependência da agricultora e do agricultor do mercado, gerando lucro às grandes empresas que estão ligadas à destruição dos nossos biomas originais. O processo coletivo da APROLUC de construção de saberes é um dos principais motivos porque todas as associadas e associados conseguiram ter êxito na transição para a agricultura orgânica e hoje são certificadas. Isso ocorreu através de oficinas, de acompanhamento de órgãos da agricultura, da implantação do turismo rural e do trabalho coletivo, como por exemplo, no feitiço do *bokashi*, um composto microbiológico usado como adubo foliar, e da composteira coletiva, ambos usados na produção de hortaliças.

Um bom exemplo quando uma comunidade se organiza e faz parceria com órgãos institucionais e movimentos sociais a seu favor, também ajuda a outras. O banco de sementes comunitário ajuda a fortalecer os laços de solidariedade e a sensação de dever cumprido entre as pessoas que participam das trocas, pois a partir de suas ações, outras pessoas podem ter acesso às sementes (GOFI, 2017).

### 3.3 A GUARDIÃ NINA

Nina é uma mulher branca, jovem, neo-rural<sup>9</sup> mãe de três crianças, bióloga, agroflorestora e guardiã de sementes. Vive em Trajano de Moraes, município da região norte fluminense, grande produtor de frutas<sup>10</sup>. Nina habita há alguns anos a Fazenda Monte Cristo, que pertence ao seu sogro, onde também vivem outras pessoas, algumas delas trabalham diretamente com ela e seu companheiro, Guilherme, com produção agroflorestal, beneficiamento de produtos agroflorestais e comercialização de produtos orgânicos e artesanais, que eles entregam, em forma de cestas na região. Eles produzem e entregam cerca de 50 cestas por semana.

Nina é da agricultura familiar e toda a sua renda vem dos Sistemas Agroflorestais (SAF), que ocupam uma área de 4 hectares, com um sistema de mosaicos, em que a agrofloresta mais antiga tem em torno de seis anos, e outras áreas de 4, 3, 2 anos, etc. Ela e sua família colhe café, limão siciliano, banana, que é o carro-chefe deles: “*Aqui não é muito grande mas é intensivo, porque a agrofloresta tem muita diversidade, muita estratificação, o que acontece num aproveitamento maior das áreas em relação a outros tipos de agricultura*”.

Sistemas Agroflorestais ou agroflorestas, são sistemas produtivos que tentam simular as dinâmicas naturais de uma floresta. Apesar de ser um sistema muito antigo, praticado há séculos por povos originários da América, essa técnica voltou e tem crescido muito nos últimos anos como uma alternativa viável para produzir alimentos e outros bens e, ao mesmo tempo, recuperar áreas degradadas, melhorando a saúde do solo. Na agrofloresta planta-se muitas espécies arbóreas e anuais, seguindo o princípio da sucessão vegetal. Possibilitando que em uma pequena área se tenha um sistema rico, com uso para alimentação, medicina, lenha, construção, que é dinâmico e muda ao longo do tempo, fazendo com que também seja necessário empregar cada vez menos trabalho para sua manutenção com o passar dos anos, segundo Righi (2015). “*Esse resultado da abundância da agrofloresta é incrível porque não só ela gerou renda pra gente, mas também trouxe trabalho para muitas outras pessoas, o que é bem legal*” (Nina).

---

<sup>9</sup> O conceito encontra-se definido mais adiante.

<sup>10</sup> Fonte: <<https://trajanodemoraes.rj.gov.br/trajano-de-moraes-e-o-terceiro-maior-produtor-de-caqui-no-estado/>> Acessado em 25 de abril de 2021.

Nina nasceu no Rio de Janeiro, mas foi criada no interior de Minas Gerais. Segundo ela, desde pequena vive em um contexto de neo-rurais. Durante a primeira infância tem memórias de seu pai plantando horta, e sua mãe e avó sempre cuidaram de flores, jardins e ervas medicinais. Nina já estava em um estudo profundo há, pelo menos, 12 anos, antes de se mudar para o sítio onde vive atualmente. Seu interesse veio desde cedo, por conta de sua preocupação ecológica e pela proximidade dos amigos de seu pai que trabalhavam com agricultura orgânica em MG. No curso de biologia, Nina desde o início focou em agricultura, foi orientada por uma pesquisadora mulher, especialista em agrofloresta. Desde lá, Nina e seu companheiro estão engajados com esses sistemas e fizeram parte de muitos grupos, mutirões e estudos, com leitura de muitas mulheres, entre elas, Irene M. Cardoso, Patricia Vaz e Fabiana M. Peneireiro.

“Eu andava muito pela mata, eu olhava para ela e acreditava que praticar agricultura na mata, tirar o seu sustento ali da floresta sem precisar tirar ela dali, né, sem precisar descaracterizar a paisagem florestal. Estamos em um país de floresta, de diferentes formas. Toda essa inteligência é divina e às vezes não conseguimos compreendê-la e queremos inventar a roda, plantar roças que às vezes gera tanto desequilíbrio e escassez. Porque é isso, né, quando nos desconectamos da natureza, criamos escassez, porque a natureza é muito abundante” (Nina).

Nina se define como neo-rural, grupo de pessoas que geralmente migram da cidade para o campo:

Estes grupos são compostos, na maioria das vezes, por pessoas (...) preocupadas com a sustentabilidade, qualidade de vida, e principalmente da alimentação, os chamados de neo-rurais. [...] Em muitos estudos está sendo observada, por exemplo, uma recuperação dos ambientes e mudança na produtividade dos solos com a chegada desses novos habitantes, que se mostraram, na maioria dos casos, bastante preocupados e engajados com as questões ambientais. Através de técnicas mais ecológicas provenientes da Permacultura, da agricultura orgânica familiar e da Agroecologia, tem se observado uma revitalização dos territórios rurais. Juntamente com a chegada destes novos atores, emergem também novas formas de relações sociais, ambientais, culturais e econômicas nesses espaços (MATZEMBACKER, 2019).

A Nina e sua família representam essa definição, de pessoas jovens que vêm no campo a possibilidade de reprodução da vida, muito além do valor material. Além de perspectivas mais lúdicas sobre o campo, elas trazem consigo novos valores ligados à preservação da vida em todas as suas formas, dando forma a isso com técnicas de plantio que são mais ecológicas, com preocupação com a vida do solo, a biodiversidade e relações sociais mais justas e amigáveis.

Nina, em sua comunidade, compõe a Liga Agroflorestal, coletivo formado pelos amigos e amigas próximas, e moradores da região que foram convidados a participar de um curso de agrofloresta que estava sendo organizado na fazenda da família. A partir desse curso, eles se motivaram a realizar mutirões de apoio mútuo, e assim foi acontecendo. Para Nina, a Liga é bem equiparada em gênero, no início ela percebia que o cuidado das crianças acabava ficando mais com as mulheres, mas conseguiram se organizar melhor e hoje a voz delas é equiparada à voz dos homens: “*Aqui na nossa rede, nossas mulheres não são muito interessadas em algumas funções, como o manejo da motosserra, mas o facão é nosso e os homens compreendem e nos incentivam.*”

Na Liga ocorre sempre troca de sementes, e Nina também participa de um outro grupo, a nível nacional chamado RAMA, Rede de Apoio a Mulheres Agroflorestoras, na qual costumam fazer encontros nacionais. Durante a pandemia, o grupo se reúne virtualmente e elas criaram uma dinâmica chamada “ciranda de sementes”, uma alternativa muito válida para manter a troca entre as mulheres em tempos de distanciamento social. É uma espécie de amigo secreto de sementes, na qual as participantes mandam cartas com sementes umas às outras: *“Recebi uma carta linda de uma mulher do Espírito Santo e fiquei encantada com o carinho dela, muito legal essa forma de rede”*.

Quando se fala em agrofloresta, falamos de sementes crioulas e também florestais, Nina guarda os dois tipos de sementes e também outras formas reprodutivas. Além de guardar variedades de milhos e feijões, Nina também menciona o foco do seu agroecossistema em resgatar árvores frutíferas nativas da mata atlântica, como o cambucá, variedades de pitangas e o cambuci, na qual eles mantêm uma parceria com outro projeto de preservação de espécies nativas que conta com a ajuda dela para o cuidado dos espécimes. Porém não são só as sementes que a Nina dá importância de manter:

Ah, para mim é um tesouro, né, não só as sementes, como qualquer propágulo. Eu aqui trabalho muito com propágulos. Acho que a minha conservação da biodiversidade passa muito por eles. Rizomas, como ararutas, gengibre diferentes, cúrcuma, que temos muitas variedades e muitas medicinais que a gente foi pegando mudinha aqui, mudinha ali para manter essa riqueza, essa variabilidade genética, a biodiversidade dentro de uma mesma espécie, a mesma planta que muda entre diferentes lugares. Trocamos sempre com outras pessoas.

Para Nina, as sementes e os propágulos são coisas que não devem ser mantidas guardadas em gavetas ou caixas, mas sim mantidas na terra e compartilhadas com outras pessoas sempre. Quanto mais pessoas envolvidas na manutenção das sementes, mais possibilidades existem para recuperação de eventuais perdas de sementes por qualquer motivo:

eu quero sempre colocá-las na terra e presenteá-las também, porque eu acho que a gente sozinha não consegue dar conta. Tem até uma variedade, o chuchu-de-vento, que a gente tinha muito e, de repente, a gente perdeu. A sorte é que tínhamos dado as sementes para um amigo nosso, e conseguimos pegar as sementes com ele, e agora estamos colhendo de novo (...)

Ela possui um sistema para armazenar suas sementes que depende da quantidade e da frequência de uso. Também demonstra que algumas sementes são mantidas coletivamente, enquanto outras ela mantém sobre própria responsabilidade, pois as guarda e mantém em um recipiente individual:

eu tenho uma caixinha com algumas variedades que eu tô sempre cultivando e trocando e temos um banco na garagem com as sementes que temos em maiores quantidades, e as raízes que estão na terra. Algumas sementes são de minha responsabilidade e outras em que o cuidado é feito por todas as pessoas do sítio.

Nina nos mostra um novo panorama que tem crescido cada vez mais nas últimas décadas, o das pessoas que, por seus meios são atingidas positivamente pelos movimentos ambientalistas e criam plena consciência do impacto de suas escolhas de vida e consumo sobre o planeta, e decidem agir sobre isso. Não devemos ignorar que existe sempre um recorte

de classe e, conseqüentemente, de raça nessas migrações, pois é necessário ter um certo nível de privilégio para a pessoa ter acesso à terra e também conseguir arriscar de largar tudo o que tem para tentar construir uma vida nova. Mas, acima de tudo, é necessário coragem para fazer tal feito, e essa consciência vem de mãos dadas à construção do ser-mulher, e a criação de ambientes mais equânimes e justos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa exploratória, bastante breve, foi possível constatar que sim, existem mulheres guardiãs de sementes no estado do Rio de Janeiro em diferentes regiões, gerações, raças e classes. A intenção aqui não é efetuar um estudo comparativo entre as três experiências, mas identificar e compreender que existem diferentes necessidades e níveis de dificuldade dessas guardiãs em manter suas atividades e, por outro lado, diferentes ferramentas e habilidades praticadas, que podem ajudar umas às outras na manutenção e avanços dessa atividade para a defesa da biodiversidade e da vida.

A criação de uma rede de troca de sementes com protagonismo das mulheres guardiãs é uma iniciativa que pode nos aproximar e nos incentivar a manter essa prática cada vez mais viva e pulsante, olhando sempre para a manutenção da biodiversidade de ambientes degradados e a formas de agriculturas diversificadas com menos impactos negativos. Há diversos estudos que demonstram esse protagonismo das mulheres na guarda e troca de sementes, importantes para a defesa e conservação da biodiversidade, tais como os de Burg (2017), Gofi (2017), Bevilaqua et al. (2014) entre outros.

Durante o ano de 2020, com a pandemia de Covid-19, muitas pessoas passaram a ressignificar aspectos fundamentais da vida, isso inclui a necessidade de uma alimentação saudável, segura e de qualidade. Pessoas abandonaram a capital do estado, foram morar no interior e estão retomando ou iniciando o hábito de plantar o próprio alimento e construir uma vida mais próxima à natureza. Quem não teve esse privilégio, começou a plantar no quintal de casa, no apartamento, no condomínio ou participou de projetos de hortas urbanas.

As sementes crioulas e florestais são ferramentas essenciais nesses processos, assim como na continuidade da agricultura familiar do estado e na preservação da biodiversidade da Mata Atlântica. Pelo interesse que as sujeitas da pesquisa e as pessoas que nos apoiaram, assim como nos relatos obtidos durante as entrevistas, fica nítida a importância que se tem a criação de materiais didáticos e de divulgação, sejam cartilhas, zines<sup>11</sup> impressos e digitais, *websites*, redes sociais, etc. É necessária a divulgação de técnicas de manutenção e multiplicação de sementes, divulgação das pessoas que já produzem sementes em excedente para venda e trocas, e também para experiências coletivas de fortalecimento e apoio mútuo, como mutirões, feiras, projetos públicos dentre outras atividades.

As dificuldades vivenciadas pelas entrevistadas durante esse ano somaram-se às dificuldades que a Ciência já vem vivendo no Brasil há algum tempo por governos golpistas e genocidas. Deixar de mencionar ou ignorar que essas condições surtem um profundo efeito na qualidade dos trabalhos realizados, especialmente quando se referem a cursos como a nossa Especialização em Agroecossistemas –UFSC/PRONERA/INCRA, que são marginalizados dentro da própria instituição de ensino,<sup>12</sup> é não admitir que a educação de qualidade, na sua

---

<sup>11</sup> Zine (ou fanzine) é uma publicação impressa independente, de pequena escala, geralmente produzida por um só autor, autora ou pequeno grupo de pessoas. O objetivo dos zines não é obter lucro com sua venda e distribuição, e sim “espalhar a palavra” de suas e seus autores. Pode vir em forma de texto, de imagem e de uma combinação de ambos.

<sup>12</sup> Nessa perspectiva ver RIBAS, C. ; GUIMARAES, V. N. ; MORAIS, J. E. ; SANTOS, D. S. ; SOARES, V. M. . **Metodologia de ensino na pós-graduação para os movimentos sociais: rompendo com estruturas**



plenitude só atende aos objetivos da transformação e da justiça social quando é levada à sério, e que a ciência é trabalho de pessoas comuns e educandas que também necessitam de recursos para sobreviver.

Com isso, avalio que a pesquisa sofreu todas as limitações de recursos, desde a falta de dinheiro para o combustível para visitar as diferentes cidades, acesso escasso à internet, falta de tempo/prazo necessário disponibilizado pelo curso para desenvolver plenamente a pesquisa, pelo desemprego da educanda que, para garantir a produção de sua existência (e sem bolsa acadêmica), teve que realizar incontáveis tarefas para manter a sua sobrevivência, bem como a instabilidade do agravamento e relaxamento das medidas de isolamento social, fizeram com que nem todos os objetivos iniciais propostos não fossem totalmente atingidos, nem na quantidade e qualidade das entrevistas. Contudo, avalio que, mesmo com as restrições impostas pela realidade material concreta e objetiva, nessas condições limitantes, tudo o que foi possível foi realizado com muita determinação e afincamento nesse processo, contando com a boa vontade e disponibilidade de todas as pessoas envolvidas.

Desse modo, fica o chamado para que este trabalho tenha continuidade - vinculado à academia ou não - assim que as condições sanitárias e financeiras se tornarem mais favoráveis, visando um trabalho de assessoramento técnico às mulheres e homens guardiões de sementes no estado do Rio de Janeiro. Assim, atingiremos um dos objetivos dos cursos de Especialização que é o de levar o conhecimento acadêmico, técnico-científico à sociedade, especialmente àquele segmento da população mais carente desse conhecimento, compartilhando o conhecimento com pesquisas aplicadas, solucionadoras de problemas cruciais, que contribuam para o desenvolvimento sustentável do país com justiça social e distribuição de renda.

Por fim, porém longe de acabar, é necessário reiterar a grandeza e a força de todas as mulheres que escolhem lutar e se manter na luta por uma vida digna, seja florestas, na rua, em quintais, ocupações ou assentamentos. Quem guarda sementes, guarda um pedaço de futuro e a esperança de que muitas crianças, de todas as partes do mundo, ainda poderão pisar nesse chão, comer do que a mãe terra, *Pachamama*, dá e brincar de sonhar.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. Revista NERA, Presidente Prudente, Ano 13, no. 16 pp. 22-32. 2010.

ATANÁSIO, J. M.; SOFFER, O; PAGE, J. Sexo Invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BEVILAQUA, G. A. P. E. Agricultores Guardiões de Sementes e Ampliação da Agrobiodiversidade. Cadernos de Ciência & Tecnologia. Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118. 2014.

BURG, I. As estratégias de conservação *on farm* e as ameaças de erosão genética e do conhecimento associado às variedades crioulas de milho de agricultores familiares do município de Novo Horizonte – SC. Tese (Doutorado em Recursos Genéticos Vegetais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2004. v.1. 24 p.

---

**pedagógicas anacrônicas.** In: Simón, D. Copena. (Org.). Propostas agroecológicas ao industrialismo. Recursos compartidos e respostas colectivas. 1ed.Vigo, Espanha, 2014, V. 01, p. 658-670.

CAVALCANTI, T. F. M.; RODRIGUES, R. Catálogo da diversidade de feijão-comum do estado do Rio de Janeiro [recurso eletrônico] / coordenado por Rosana Rodrigues. -- 1. ed. – Campos dos Goytacazes, RJ : EdUENF, 2020. 124 p. : il.

CORDEIRO, F. F. Panorama da produção orgânica e uso de sementes no Estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Seropédica, 2014.

ESAU, K. Anatomia das plantas com sementes. São Paulo: Edgard Blücher, 1974. 293p.

GOFI, R. O Processo de Sucessão Familiar em Famílias Guardiãs de Sementes Crioulas: Estudo de Caso no Município de Anchieta/SC.131 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2017.

KAUFMANN, M. P. Resgate, conservação e multiplicação da agrobiodiversidade crioula: um estudo de caso sobre a experiência dos guardiões das sementes crioulas de Ibarama (RS). Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2014.

LEDFORD, H. World's largest plant survey reveals alarming extinction rate. *Nature* 570, 148-149. 2019.

MACHADO, L. C. P; MACHADO FILHO, L. C. P. A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARTINS, L. R. Juventude rural no Brasil: referências para debate. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 94-112, fev. 2021.

MATZEMBACKER, C. A. Movimento neo-rural em Rolante/RS: novos atores, resgate e troca de saberes. Trabalho de conclusão de graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 16ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.

MORI, S. A. 1989. Eastern, extra-Amazonian Brazil. In: Campbell, D.G. & Hammond, H.D. (eds.) *Floristic inventory of tropical countries: the status of plant systematics, collections, and vegetation, plus recommendations for the future*. New York, The New York Botanical Garden, p. 427-454.

OLIVEIRA, M. F.; MENDES, L.; VASCONCELOS, A. C. H. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. *Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 59, n. 2, 2021.

PEIXOTO, A. L. 1991/92. Vegetação da costa Atlântica. In: Monteiro, S. & Kaz, L. (coords.) *Floresta Atlântica*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, Livroarte Editora, p. 33-42.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A Reinvenção Dos Territórios Na América Latina/Abya Yala. Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Sociales. Mayo 2012. 65 p.

RIGHI, C. A. Sistemas Agroflorestais: definição e perspectivas. Cadernos da Disciplina Sistemas Agroflorestais. Série Difusão. Vol 1. Editores: Prof. Dr. Ciro Abbud Righi e Prof. Dr. Marcos Silveira Bernardes. Piracicaba-SP. Edição dos Autores. 2015. 85p.

SANTOS, B. de S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 3a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEIBERT, I. G.. Feminismo camponês popular: contribuição das mulheres camponesas a luta de transformação social. 2019. 174 f.

TRIVIÑOS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WARREN, I. S. Redes de movimentos sociais na América Latina - caminhos para uma política emancipatória? CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008

WALTER, B. M. T.; CAVALCANTI, T.; BIANCHETTI, L. B.; VALLS, J. F. M. Origens da Agricultura, Centros de Origem e Diversificação das Plantas Cultivadas. 2015. Em: Fundamentos para a coleta de germoplasma vegetal. Embrapa. 2015. Cap. 2, p. 62-88.

## **APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas semiestruturadas aplicadas às guardiãs de sementes crioulas e florestais**

- Nome, idade, onde habita, onde nasceu.
- Como vive e trabalha e com quem.
- Sementes que guarda.
- Como as mantém e multiplica
- Como começou a guardar sementes? Aprendeu com alguém?
- Existe um elo entre você e outras mulheres de gerações anteriores com as sementes?
- Qual a importância das sementes e da agricultura para você?
- Sente que existe uma ligação da mulher com a tarefa de manter sementes?
- Conhece coletivos voltados a sementes na sua região?
- Faz parte de uma rede de trocas ou organização de algum tipo? Sim - como vocês se organizam? Não- Você acha que mudaria alguma coisa se tivessem mais pessoas nisso?
- Quais são as maiores dificuldades que você vivencia no trabalho com a terra?
- Conhece pessoas jovens interessadas nessa atividade? Acha importante que as jovens continuem o seu trabalho?
- Poderia compartilhar algumas coisas que você sabe para outras pessoas aprenderem?
- Gostaria de acrescentar alguma coisa? Sente que faltou alguma questão?